

Entre expectativa e realidade: a interiorização da universidade pública federal no Brasil do governo Lula: uma análise da criação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e sua instalação em Realeza, Paraná, por fontes orais

Fernanda Nichterwitz*

A universidade foi criticada, quer por raramente ter cuidado de mobilizar os conhecimentos acumulados em favor de soluções dos problemas sociais, quer por não ter sabido ou querido por a sua autonomia institucional e a sua tradição de espírito crítico e de discussão livre e desinteressada ao serviço dos grupos sociais dominados e seus interesses.
(Santos, 2000, p. 205).

Como fazer interiorizar numa instituição que é, ela própria, uma 'sociedade de classes' os ideais de democracia e de igualdade? [...] Como é possível, em vez disso, adaptar os padrões de educação às novas circunstâncias sem promover a mediocridade e descaracterizar a universidade?
(Santos, 2000, p. 212).

* Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo (USP); Mestra em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE); Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: fernandanich@gmail.com.

A universidade pública tem sido cobrada a exercer funções que extrapolam os espaços do ensino e da pesquisa e que ampliam sua esfera para a responsabilidade social. Essa reivindicação rumou para a valorização das comunidades e a intervenção nos problemas sociais, segundo Boaventura Santos (2000, p. 209). Nos casos das universidades federais com menos de vinte anos de existência, tal reivindicação surgiu no seio dos projetos políticos pedagógicos e, no caso da universidade objeto deste artigo, como ideal de criação e, como veremos, até, como mito fundador.

Assim, a presente reflexão se insere no campo dos estudos da História do Tempo Presente, e, nesse ensejo, carrega consigo as análises e reflexões que partem de um arcabouço metodológico que fundamenta a análise das fontes orais. Para compreender melhor a temática, iniciaremos o artigo com uma reflexão sobre a universidade objeto de estudo, a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), e os trâmites de sua criação e instalação na Região Sul do Brasil.

A Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

A UFFS é uma instituição de ensino superior criada em 2009, e que se localiza no perímetro do que se considera como a Fronteira Sul (região próxima à Argentina e Paraguai), ou a mesorregião da fronteira Sul. Logo, uma universidade interiorizada e instalada no formato multicampi em municípios dos três estados da região (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Atualmente, os *campi* estão instalados em Chapecó (SC), sede da universidade, Erechim (RS), Passo Fundo (RS), Cerro Largo (RS), Laranjeiras do Sul (PR) e Realeza (PR). Tais municípios contam com população entre 13.289 habitantes e 102.345 habitantes.

Seu Projeto Político-Institucional (PPI) tem como meta a formação crítica e cidadã de seus estudantes, a partir da garantia de ensino, pesquisa e extensão de qualidade, baseada na oferta de assistência estudantil e da promoção de uma interligação com a educação básica a partir da criação dos cursos de licenciaturas (Orlandi; Martins, 2014, p. 113-114).

Além disso, a universidade foi criada com a predisposição em promover o desenvolvimento de profissionais locais, tendo em vista o distanciamento geográfico dos municípios que as sediariam das capitais dos respectivos estados, que se situam, em média, entre 400 e 800 quilômetros de distância, próximos ao litoral do Brasil. A ideia seria evitar o êxodo de jovens de 18 a 24 anos de idade, proporcionando ensino superior federal gratuito e de qualidade no interior do país.

Da mesma forma que a proposta da universidade se volta para os interesses

locais (e de fixação de jovens), os cursos criados foram idealizados visando desenvolver a região nas áreas que já moviam as economias locais, o que significa um grande investimento em cursos de licenciatura, como mencionado acima, e relacionados às práticas agrárias (tanto no auxílio ao pequeno agricultor, como voltados ao agronegócio); assim, as áreas das Ciências Biológicas compõem fortemente o quadro de cursos de graduação disponibilizados, inicialmente, na nova universidade, a saber: Nutrição, Medicina Veterinária, Agronomia, Engenharia Ambiental, Ciências Biológicas,¹ Licenciatura em Física, Licenciatura em Química, Licenciatura em Ciências Biológicas, Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza, além de História, Geografia, Ciências Sociais e Letras (Espanhol e Português).²

Os cursos de Humanidades, especialmente, História, Geografia e Ciências Sociais, existem na universidade, haja vista o desejo daqueles que contribuíram para sua criação: de que os estudantes tivessem acesso à história da região em que estudam, especialmente, se fossem oriundos de outros estados da federação. Tanto o é que, mesmo nos cursos de Ciências Exatas e de Ciências Biológicas, há a disciplina obrigatória de História da Fronteira Sul, com historiadores concursados atuando nos diversos *campi*, mesmo nos que não possuem o curso de graduação em História.

A criação da universidade

O anseio pela criação de uma universidade que contemplasse a mesorregião Grande Fronteira do Mercosul advém, até onde se pôde rastrear, dos idos de 2003. E em 2005, observamos vestígios oficiais de proposta de criação de uma, na figura do que seria a Universidade Federal da Grande Fronteira Mercosul (UFGFM), que contemplaria mais de 400 municípios dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Esse projeto foi pautado pelo então deputado federal Claudio Vignatti, e transformou-se no projeto utilizado para a criação da UFFS nos anos seguintes.

¹ O curso de Ciências Biológicas atendia, em um primeiro momento, ao projeto de Universidade Nova, que partiu das experiências desenvolvidas na Universidade Federal do ABC (UFABC) e se pretendia como um curso de licenciatura que formaria docentes aptos a atuar nas disciplinas de Física, Química, Biologia e Ciências. Porém, o projeto, devido às reivindicações do corpo docente recém-concursado, não continuou e se configurou a partir das grades curriculares de universidades “tradicionalistas”, sendo dividido em três licenciaturas distintas: Física, Química, Ciências Biológicas.

² Os três últimos, iniciados no campus sede, de Chapecó-SC. Tal campus se diferencia dos demais em relação aos cursos ofertados, que tendem mais às áreas de Ciências Humanas e Ciências Humanas Aplicadas (como Administração), além das Ciências Exatas (Matemática, Ciências da Computação, por exemplo).

Claudio Vignatti, visando cumprir com o desejo da pesquisa de público que realizou em Santa Catarina, não somente encaminhou um projeto, mas articulou no Congresso Nacional uma série de ações que culminaram na participação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que para o desenvolvimento da proposta e realização de um estudo na Região Oeste do estado recebeu redirecionamento de verba via emenda parlamentar.

Em simultâneo, e sem vinculação direta com Santa Catarina (Coordenação do Movimento Pró-Universidade Federal do Norte - RS, 2014, p. 11) grupos do Noroeste do Rio Grande do Sul, como Via Campesina, Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar (FETRAF-RS) e sociedade civil organizada local, também ampliavam reivindicações para a criação de uma universidade federal na região denominada Alto-Uruguai. Tal projeto ganhou corpo e uma audiência pública, em 2006, com o então ministro da Educação, Fernando Haddad, para formalizar a solicitação do grupo.

Considerando a mobilização de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que ganhou força com a união da população e grupos relacionados à agricultura familiar do Paraná, o então ministro da Educação, Fernando Haddad orientou-os a unir os projetos, tendo em vista a dificuldade de criar uma universidade para cada uma das regiões, já que uma universidade nos moldes multicampi seria mais interessante, e menos custosa aos cofres públicos (Nichterwitz, 2017, p.77).

Desta forma, o projeto da UFGFM foi reelaborado para transformar-se em UFFS, e teve roteiro de criação desenvolvido pela UFSC. O recém-formado coletivo foi nomeado de Movimento Pró-Universidade Federal (MPUF) e contou com a participação dos movimentos sociais, mas também da sociedade civil organizada, da Igreja Católica, estudantes de ensino médio e superior, e, especialmente, membros do corpo político local, como prefeitos, vereadores, deputados dos três estados do sul.

Tal união foi representada pelo sítio eletrônico da UFFS, que constantemente reafirma um mito fundador de “universidade criada pelos movimentos sociais”, da seguinte forma:

[...] em maio de 2006, uma sessão do Fórum da Mesorregião da Grande Fronteira do Mercosul (MESOMERCOSUL) – órgão instituído para debater os assuntos de interesse do noroeste do Rio Grande do Sul, sudoeste do Paraná e Oeste de Santa Catarina – chegou a um consenso: como todas as propostas dos três estados do Sul de criação de universidades foram rejeitadas, a saída seria um projeto único. (UFFS, 2020).

Segundo relato do senhor Jayme Taube, conhecido por Canjica, o então ministro da Educação tentou convencer os participantes do MPUF de que a

solução para a região seria investir em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, os conhecidos IFETs, o que foi reforçado pelo relatório das atividades do grupo de trabalho de criação de uma nova universidade federal (Reinert; Laffin, 2008, p. 2). Porém, os membros do MPUF consideravam que não queriam “um instituto tecnológico para limpar frango” (Jayme Rogério Taube, 2017).

Tal sugestão advinha da negativa do MPUF em construir uma universidade “do Mercosul”, e devido ao interesse público federal ter um olhar voltado a isso. A criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), estruturada oficialmente, a partir de 2008 (Reisdorfer, 2018, p. 9) é fruto desse interesse, e tem seu *campus* sede em Foz do Iguaçu, município muito próximo da mesorregião da Fronteira Sul.

Desta forma, observa-se que a UFFS é uma universidade fruto dos debates que surgiram a partir do aceno político positivo do governo Lula em criar instituições de ensino superior, tanto o é que Fernando Haddad realizou uma série de reuniões orientando os interessados em suas ações para atraírem mais investimentos do governo, ou para terem suas solicitações embasadas por esse.

A partir da autorização do governo federal, ou de seu aceno positivo, criou-se um movimento unificado (grupos sociais, classe política e sociedade civil organizada), o MPUF, que iniciou deliberações sobre a universidade pública que almejavam ter em conjunto com um grupo de pessoas do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Em tais reuniões, foram debatidos o nome da universidade, sua localização, os municípios que seriam sede, os benefícios que os movimentos sociais teriam, quais cursos seriam abertos, e quais seriam as metas de inclusão social a serem atingidas (o que justificaria a existência da universidade para os movimentos sociais e para o próprio governo federal).

Assim, a UFFS foi criada com um imaginário simbólico voltado à intervenção na realidade daqueles que a solicitaram: o pequeno agricultor, o camponês, o trabalhador urbano. A mudança estaria pautada na melhoria da qualidade de vida, no aumento de oportunidades de trabalho, e na ascensão social dos que viessem a usufruir de seus benefícios. Assim, o MPUF pretendia que essa universidade fosse inclusiva, que não atendesse apenas uma elite, mas os filhos de pequenos agricultores e trabalhadores urbanos.

A proposta era que a universidade fosse democrática, popular, com três *campi* que atenderiam a carência de vagas na região do Mercosul, revertendo, assim, a litoralização do ensino superior. Na memória de reunião do MPUF se observa que a universidade, e o critério para sua instalação, após a criação foi:

Forte presença de agricultura familiar e camponesa como elemento estruturador e dinamizador do desenvolvimento da mesorregião; forte presença de organizações e movimentos sociais populares; regiões mais

distantes das atuais universidades federais da região sul; regiões mais carentes de instrumentos públicos federais, especialmente na área de educação. (Reinert; Laffin, 2008, p. 34).

Assim, a argumentação principal do MPUF delimitou as negociações pelos municípios que seriam sede dos *campi* da universidade. Havia sido definido pelo governo federal que seriam três *campi*, um em cada um dos estados do Sul, e o Oeste de Santa Catarina, como encabeçou as negociações e projetos, teria a reitoria. Sendo assim, um dos *campi* seria no Noroeste do Rio Grande do Sul, e um, naturalmente (por conta da mesorregião da Grande Fronteira Mercosul, no Sudoeste do Paraná.

Porém, como a questão social estava em pauta e era muito importante para os movimentos sociais, o MPUF trouxe, em vez do Sudoeste do Paraná, (desconsiderando, inclusive, a ideia de mesorregião, basilar do movimento), a região do Cantuquiriguaçu⁵ como possibilidade para sediar um *campus*: o município de Laranjeiras do Sul passou assim a ser parte do grupo de debate para receber uma universidade federal.

O senhor Jaci Poli, ex-professor da UFFS e participante dos movimentos sociais do Sudoeste do Paraná envolvidos na criação da UFFS, argumentou que

[...] foi definido em Florianópolis em uma reunião. Foi uma votação. Não tinha como ser diferente, ou era Realeza ou era Laranjeiras. Era a disputa. Foi votado na comissão por conta de algumas coisas que eu nunca vi, um espírito de coitadismo do pessoal de Laranjeiras... Laranjeiras definiu muito por conta do IDH baixo. Eles sempre foram. E o grande objetivo da nossa universidade naquela vez era atender os lugares mais deprimidos economicamente. Então era evidente: Laranjeiras e a Cantuquiriguaçu, a região ao redor de Laranjeiras, aquela microrregião, aquele território, realmente, do Paraná, é o que tem o IDH mais baixo junto com o Vale da [sic] Ribeira. E vai olhar o que tinha lá. Aqui no Sudoeste nós tava [sic] rico comparado com o resto. E, na lógica, seria lá, se fosse pra fazer inclusão social. E foi feito isso. O movimento votou para colocar em Laranjeiras. Foi aquela história de que na lógica, por mais que o pessoal do Sudoeste quisesse, estivesse ansioso por um campus da universidade, se fosse olhar pela intencionalidade que se tinha nos movimentos, tinha que ser lá. (Jaci Poli, 2016).

⁵ Região com forte influência do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o que reforçou a tese de que a aproximação com o PT tenha tido bastante influência nas decisões de escolha dos municípios-sede da universidade e, até, na decisão de abertura e criação da mesma.

Desta forma, após muita discussão, vetos, adiamento de reuniões, o MPUF e o governo federal definiram que, em vez de três *campi*, seriam quatro: um em Santa Catarina (Chapecó), um no Noroeste do Rio Grande do Sul, levando em conta a existência da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e dois no Paraná (um em Realeza, Sudoeste do estado, e um no Cantuquiriguaçu, em Laranjeiras do Sul).

A inclusão social via UFFS em Realeza/PR

Fez-se, então, uma universidade federal pautada na assistência e inclusão social. No sítio eletrônico da UFFS se encontrava a argumentação de que:

Como a Fronteira Mercosul era uma região historicamente desassistida pelo poder público, a escolha dos locais de implantação dos campi e do nome da universidade deveriam refletir tais anseios. Assim, definiu-se Laranjeiras do Sul e Realeza (Paraná), Erechim e Cerro Largo (Rio Grande do Sul) e Chapecó (Santa Catarina e sede da instituição) como os locais de maior expressão para o principal objetivo da nova universidade, ou seja, desenvolver a região da Fronteira Sul, a partir da qualificação profissional e da inclusão social, respeitando as características locais. (UFFS, 2020)

Tanto quanto a inclusão social, o desenvolvimento sustentável se fez como meta da nova universidade, especialmente, no auxílio à agricultura familiar camponesa e na inserção de jovens desse grupo na nova universidade, tendo em vista que

[...] o ensino superior público, de forma geral, era (e é ainda, em grande parte) restrito aos jovens de classe média, oriundos, na maioria, das escolas privadas de ensino médio, realidade não condizente com os índices populacionais do oeste da fronteira sul do Brasil. (Nichterwitz, 2017, p. 142).

A partir disso, uma série de debates, dentro do MPUF, ocorreram para construir condições para que o público-alvo fosse atingido e mantido na universidade. Segundo o senhor Poli,

[...] outros debates que aconteceram foi a questão da própria permanência, pra nós, pros movimentos sociais existia uma coisa que a universidade abandonou, era a residência estudantil para a universidade. Para os movimentos sociais sempre foi algo considerado essencial por conta dos

estudantes, que realmente precisam da garantia de permanência. E aí você vai ver, por exemplo, em Realeza nós tínhamos previsto cem apartamentos, que daria 200 pessoas. E já tinha sido feito até o levantamento, e na medida que foi apertando a questão orçamentária, foram abandonando, e um deles, ou o primeiro que foi abandonado foi esse da residência estudantil. (Jaci Poli, 2017).

A meta de residência estudantil foi criada para ser finalizada em 2015. O presente artigo é escrito em 2020 e, ainda, não há nada visível do projeto, apenas corte de verbas e redução de auxílios de estudantes. Ainda em 2017, alunos da universidade criticavam a situação, especialmente, pela cidade ter aproveitado a criação da universidade para investir no setor imobiliário, cobrando altos valores de aluguel. Os valores mais acessíveis aos estudantes são de residências pequenas, com sérios problemas estruturais, como revela Juliana, em entrevista em que comenta sobre o local em que vivia:

Ali não é bem concorrido para morar, na verdade tem épocas que está cheio, mas não é assim por muito tempo porque lá tem muito problema estrutural, tipo de vazamento, e não sei o que, aí o povo fica só o mês do contrato. Quando eu entrei tinha muito problema, o vaso do vizinho pingava no meu, e o meu pingava no de baixo, tipo a descarga, sabe? Era bem nojento. Mas aí no primeiro semestre que eu tava ali foram lá, quebraram a parede e arrumaram. O meu apartamento deu vários problemas, mas eu não tinha como sair dali. Agora já não tem problemas ali, mas só tem eu e mais uma menina que está ali desde o início, faz cinco anos que eu estou lá. Vim pra cá no início de fevereiro e no final de agosto eu mudei pra lá e estou até hoje. [...] Eu moro sozinha [...], no começo era tudo bem contado, não ligava a luz porque eu tinha medo de ficar caro, minha mãe que me ajudava, não queria explorar ela. Era bem assim contado, não saía, não comia em lugar nenhum fora, nada. (Juliana Paula Silva, 2017).

Desta forma, o desafio de acolher os estudantes na cidade foi apenas o primeiro, não só pelas questões estruturais, mas pelas dificuldades culturais, já que a universidade pública atraiu jovens das mais variadas localidades, e também do interior de Realeza. O aluguel de imóveis próximos à universidade ou ao ponto de ônibus que leva até ela é uma pauta bastante importante quando não há residência estudantil. Amanda Trevisan, ex-aluna da universidade do curso de Nutrição:

Quando não é com imobiliária, que você vai falar direto com os donos, a

maioria não quer, hoje é menos, mas quando eu entrei [2015], a maioria não queria alugar pra mim. Eles preferiam alugar pra família, pro pessoal daqui, mas não pra estudante (...) [tudo em Realeza é] Caro. Muito caro. Eu tenho o apoio da minha mãe, mas vejo por pessoas que estudaram comigo, e elas não tinham, elas eram sozinhas. Sozinhas, com uma sacola de roupa mesmo, sem documento, sem nada. Tem gente que..., sei lá como que fez pra mandar documento pra cá, sabe? Sem ter onde dormir, sem ter onde ficar, e como uma pessoa dessa conseguiu pagar esse aluguel? Se eu que tinha o apoio da minha mãe não consegui. Então eu penso que por ser uma cidade universitária eu acho que deveria ser mais acessível na questão de aluguel e tal. (Amanda Trevisan, 2017).

Leila Trevisan, que trocou o curso particular de Enfermagem em Francisco Beltrão (PR) pela graduação em Medicina Veterinária em Realeza concordou:

O aluguel eu achei difícil. [...] Eu sempre procuro alguma coisa pequena e que fique perto dos pontos de ônibus, e que fique dentro dum valor que eu consiga pagar. Os valores são bem altos, em comparação com [Francisco] Beltrão, nossa, os preços aqui são exorbitantes. Em Beltrão foi mais fácil, porque as imobiliárias te ofereciam muita coisa, até porque lá tem muita coisa também, né? Então as imobiliárias tinham que te oferecer com preços muito variados. O que aqui foi bem mais difícil, o que eu bati perna... (Leila Trevisan, 2017).

Para Leila, a cidade de Realeza estava, e está, despreparada para receber um contingente maior de novos habitantes, diferentemente de Francisco Beltrão, que conta com duas universidades públicas, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e mais algumas privadas, além de escolas de cursos técnicos profissionalizantes. Além disso, a locação do imóvel é um problema para os jovens, dado observado em outras cidades do Paraná, como em Campo Mourão (no Norte do estado) que abriga duas universidades públicas, a UTFPR e a Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), ou em Marechal Cândido Rondon (no Oeste do estado), que abriga também um campus da Unioeste. Segundo Poli,

[...] estudantes, pra conseguir alugar um apartamento, precisavam trazer garantias de tudo quanto era tipo, antecipação de pagamento, porque o pessoal tinha uma incredulidade, e desconfiavam, e aquele choque cultural que deu foi muito forte, especialmente o pessoal ligado à Veterinária e Nutrição que normalmente vieram de cidades muito distantes, que não são

tipicamente da região. Ali, realmente houve um conflito bem acentuado. (Jaci Poli, 2017).

A dificuldade em local imóveis se deu pela especulação imobiliária que a universidade acarretou, e que ampliou a área urbana do município, o número de bairros, e a quantidade de imobiliárias. Tal efeito, conhecido como “efeito-gasto”, se resume nos resultados financeiros imediatos e ao aumento de renda circulante no município (Barbosa; Petterini; Ferreira, 2015) e é maior quanto mais pessoas de fora do município forem atraídas. De acordo com as análises, pelo menos no caso de Realeza, a aposta do comércio e dos empresários locais foi na chegada de *outsiders*, e seu investimento foi voltado para isso. Myskiw, docente da universidade, reforça tal intenção:

Por incrível que pareça, o conjunto de empresários da cidade com a chegada da universidade resolveu investir em abertura de imobiliárias, de loteamentos, aquela coisa toda, mas só que foi um investimento canalizado para quem era docente, para quem era servidor da universidade e não para quem é aluno da universidade, então houve uma especulação imobiliária muito grande em torno da docência, em torno do corpo técnico, em torno das empresas que geram trabalho em torno da cidade, mas não houve uma preocupação demasiadamente grande em torno da necessidade de construir espaços que condizam com a realidade dos alunos. E ainda hoje o setor imobiliário explora muito isso. Pra você ter ideia você tem apartamentos e prédios construídos mas não é para alunos, tem prédios e apartamentos de meio milhão de reais, um milhão de reais. Mas não tem um espaço adequado, um conjunto de estrutura na cidade que se coloque a disposição do aluno. (Antonio Marcos Myskiw, 2017).

Para além da dificuldade de moradia, relatos sobre a necessidade de atendimento médico hospitalar evidenciam que o respeito para com os novos moradores, estudantes em sua maioria, foi pouco, ainda que chegassem com os bolsos carregados de dinheiro. Como Juliana Silva, ex-aluna de Ciências Biológicas, relatou:

Quando eu vim pra cá, [...] eu lembro que eu nunca desmaiei na vida e um dia eu desmaiei lá no banheiro, sorte que uma amiga estava comigo. Me alimentava muito mal, e preguiça também, teve um ano que era só bolacha de água e sal, massa de pastel manhã, tarde e noite, não tinha fogão, não tinha geladeira, aí minha vizinha me ajudava [...] e eu fiquei sem nada em casa. Naquele dia eu fui pro pronto-socorro e quem me atendeu foi uma

enfermeira, e ela me receitou remédio, falou que eu estava com anemia e me indicou exame. [...] Mas [isso foi porque] quando eu fui fazer a ficha eu tive problema, eles queriam o meu título de eleitor daqui, e eu lembro que várias pessoas tinham comentado que tinha que ter o título de eleitor daqui pra passar no médico aqui, [...] e falei: ‘mas sou da universidade, como vou ter o título daqui?’ Expliquei a situação para a enfermeira, falei brigando com ela, e por isso ela me passou na enfermeira e não no médico. (Juliana Paula Silva, 2017).

Hoje, para ser atendido no Posto de Saúde Municipal é necessário que se apresente um comprovante de residência em nome próprio, ou em nome de familiar de primeiro grau residente no município, exigência também difícil de cumprir quando se é recém-chegado, estudante da universidade.

Para além das questões de moradia estudantil (que não existe, e foi “resolvida” com auxílio federal – que tem sido reduzido para grande parte dos alunos desde 2015) e de saúde (precária), grande parte do objetivo do movimento social no que se referia ao ingresso de jovens oriundos da escola pública na universidade foi concretizado: em 2019, averiguou-se (em comemoração aos 10 anos da universidade) que dos mais de oito mil alunos que passaram pela universidade, 92% eram oriundos de escolas públicas, 70% entraram por algum tipo de cota, e 84% tem renda de até 1,5 salário mínimo per capita (Debona, 2019). Se a ascensão social ocorrerá para os egressos, só o tempo fornecerá mais dados, mas mesmo que a relação entre municípios e comunidade acadêmica seja tensa, a universidade existe, incluindo e promovendo alguma interação social.

Porém, como ficaram os movimentos sociais e a sua inclusão na universidade?

A universidade existe, atua, ensina, expande, cria, cuida, provê e inclui. Porém, a pergunta que ainda falta responder é: e os movimentos sociais? Continuam participando da universidade, de seus projetos, de seu futuro? Os movimentos sociais ainda zelam e gestam essa criança? O professor Myskiw respondeu à pergunta:

É uma crítica à própria comissão de concursos que eu faço, houve esse desligamento, ou seja, o projeto da universidade foi deixado de lado para dar valor ao perfil do profissional e a carreira do profissional, o doutorado, a formação, o pós-doutorado. A área de conhecimento se tornou um

elemento principal do concurso e a identidade do profissional com o projeto da universidade foi deixada de lado. Isso fez com que os concursos de 2011, 2012, 2014 trouxessem para dentro da universidade um conjunto de professores que não tem identidade com a universidade, com os movimentos sociais e desconhecem a realidade da região. Ainda que haja professores que estejam abertos, querem inovar, querem conhecer isso, mas há um grupo de professores que se negam a fazer isso. E é justamente essa negativa que traz um conjunto de dificuldades para amadurecer a universidade e tentar fazer com que ela permaneça no seu projeto original que é muito bacana. [...] E nós estamos percebendo isso hoje, nas reuniões de colegiado, nas reuniões estratégicas que conversam sobre a realidade regional, os professores ‘ah, pra que discutir isso? Eu não estudo isso? Eu pesquisei astronomia, sei lá o que, pra que eu vou estudar isso na comunidade local? [...] Há um debate interno muito forte. Eles, em vez de contribuir, acabam desmontando ou fragmentando o projeto da universidade como um todo. (Antonio Marcos Myskiw, 2017).

Segundo o professor, os movimentos sociais se aperceberam do ocorrido, afinal, participaram etapa por etapa da criação da universidade e, com esta, finalmente, aberta e em funcionamento, não foram mais consultados:

[...] entre 2012 e 2015, o movimento pró-universidade se afastou da universidade, começou a perceber que a universidade deixou de atender boa parte das questões que eram problemas da comunidade regional. [...] Eles não falaram isso para nós, mas mostraram seu descontentamento, tanto é que em 2015 quando eu, o Marcos Beal e o Michael assumimos a direção do *campus*, nós começamos a dialogar com os movimentos sociais, convocar e perguntar o porquê do esfriamento da relação, e eles nos disseram ‘vocês abandonaram o projeto, vocês se fecharam novamente nos muros, que são invisíveis, vocês abandonaram o projeto que construímos’. [...] E não é algo fácil de retomar. (Antonio Marcos Myskiw, 2017).

Observamos, assim, o descompasso entre o que o projeto inicial pretendia e a realidade da universidade. A conjunção entre universidade e movimento social existe: no site da UFFS, no mundo abstrato da *web* que reforça continuamente a ideia. E a prática? Ao que tudo indicou, é pouca, é distante.

Porém, a questão que pretendemos deixar por conta do leitor é a que se refere ao contexto da universidade no século XXI, que ainda é um microcosmo composto de alunos, professores, corpo técnico-administrativo reproduzindo seus papéis de acordo com o que conhecem deles e das referências deles que tiveram ao

longo de suas vidas. É um campo de disputa.

Os movimentos sociais que criaram a universidade foram repelidos por ela já em seu estatuto; depois, em suas práticas, mudanças nas propostas dos cursos, mudanças das metas de atendimento regional. Houve a dificuldade de, não só incluir, mas respeitar a existência dos movimentos sociais. A dificuldade de adaptação às leis da universidade tornou difícil a convivência entre grupos tão distintos. E como “a hospitalidade é dada como condição [...] de que o outro se adapte às leis e normas do território do anfitrião, de acordo com a sua linguagem, tradição e memória” (Nichterwitz, 2017, p. 145), muitos daqueles que batalharam pela universidade se situaram do lado da fronteira que lhes pareceu mais convidativo. Infelizmente, na maioria dos casos, foi o lado de fora da fronteira da universidade.

O distanciamento, porém, não teria ocorrido porque a universidade ainda é um campo autônomo, com leis internas, e que tem alta capacidade de refração às imposições externas?

E em época de desmonte da universidade pública, quais leis internas pode-se flexibilizar para a inclusão de novos membros, e quais são de fundamental manutenção para a continuidade da existência do campo como autônomo? Ou fundamentais para que o campo ainda exista?

Referências

BARBOSA, Marcelo Ponte; PETTERINI, Francis Carlo; FERREIRA, Roberto Tatiwa. Avaliação do impacto da política de expansão das universidades federais sobre as economias municipais. In: XLIII ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 43, Niterói, 2016. *Anais...* Niterói: ANPEC, 2016. Disponível em: <https://www.anpec.org.br/encontro/2015/submissao/files_I/i12-6599011d2e3082ef34b038002f88e41c.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos Sociais da Ciência*: Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

COORDENAÇÃO DO MOVIMENTO PRÓ-UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE - RS. Universidade Federal do Norte do Rio Grande do Sul - Proposta de Criação - Alguns Elementos. Ijuí, 10 dez. 2005. In: TREVISOL, Joviles, LÓ, Marcelo (Org.). *Educação e política*: movimentos sociais e participação no processo de criação da UFFS. Chapecó, 2014. CD-ROM 3.

DEBONA, Darci. UFFS tem 92% dos alunos oriundos de escolas públicas. *NSC Total*, 2019. Disponível em: <<https://www.nscototal.com.br/noticias/uffs-tem-92-dos-alunos->

oriundos-de-escolas-publicas>. Acesso em: 30 jun. 2020.

FILGUEIRAS, Fernando. Política Orçamentária, formação de interesses e corrupção no Brasil. 1995-2000. Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Souza”. Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <<http://re.granbery.edu.br/artigos/MjA1.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

NICTERWITZ, Fernanda. *As Fronteiras de uma Universidade: o município de Realeza/PR e a Instalação do Campus da Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS)*. Dissertação (Mestrado em História) – Unioeste, Marechal Cândido Rondon, PR, 2017.

ORLANDI, Renata; MARTINS, Emerson. Alteridade e Docência: formação dialógica sobre a interculturalidade em escolas fronteiriças do Brasil e da Argentina. In: PINTO, Ana Carolina Teixeira, SILVA, Marcos Roberto da. *Programa Escolas Interculturais de fronteira (PEIF): 10 anos*. Tubarão: Copiart, 2016.

REINERT, Dalvan José; LAFFIN, Marcos (coord.). *Relatório das atividades e resultados atingidos*. Relatório do Grupo de trabalho de criação da futura Universidade Federal com Campi nos estados do PR, SC e RS. Santa Maria, Florianópolis, Brasília, mar. 2008.

REISDORFER, Thiago. *Universidade e interculturalidade: ressignificações identitárias de estudantes da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA (2008-2017)*. Tese (Doutorado em História) – UDESC, Florianópolis, SC, 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2000.

UFFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. Histórico da UFFS. Disponível em: <http://historico.uffs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=85&Itemid=826>. Acesso em: 20 jun. 2020.

Fontes Orais

MYSKIW, Antonio Marcos. [mar. 2017]. Entrevistador: Fernanda Nichterwitz. Realeza, PR, 24 mar. 2017.

POLI, Jaci. [set. 2016]. Entrevistador: Fernanda Nichterwitz. Realeza, PR, 19 set. 2016.

POLI, Jaci. [fev. 2017]. Entrevistador: Fernanda Nichterwitz. Planalto, PR, 16 fev. 2017.

SILVA, Juliana Paula. [23 anos]. [mar. 2017]. Entrevistador: Fernanda Nichterwitz. Realeza, PR, 27 mar. 2017.

TAUBE, Jayme Rogério. [fev.2017]. Entrevistador: Fernanda Nichterwitz. Realeza, PR, 16 fev. 2017.

TREVISAN, Amanda. [21 anos]. [jan. 2017]. Entrevistador: Fernanda Nichterwitz, Realeza, PR, 24 jan. 2017.

TREVISAN, Leila. [21 anos]. [fev. 2017]. Entrevistador: Fernanda Nichterwitz. Realeza, PR, 15 fev. 2017.

Resumo: O presente artigo pretende realizar uma breve análise da criação de universidades públicas federais nos últimos dez anos, em especial, a proposta de inclusão social que as acompanha. Para tanto, o objeto de análise é o campus da Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS) localizado no município de Realeza, no estado do Paraná. Neste, temos uma breve explicação do contexto de criação da universidade, a influência dos movimentos sociais no processo e as suas metas de inclusão social. Para tal análise, utilizamos trechos de entrevistas com professores, estudantes e participantes do movimento social.

Palavras-chave: Universidade. Inclusão social. Movimentos Sociais. UFFS.

Between expectation and reality: the interiorization of the federal public university in Brazil under the government Lula: an analysis of the creation of the Federal University of the Southern Frontier (UFFS) and his installation in Realeza, Paraná, by oral sources

Abstract: The purpose of this article is to investigate the creation and instalation of federal universities campi in the last ten years in Brazil, specially, to investigate the intent of social inclusion that these universities have in their official documents of creation. Therefore, the choosen object is the campus in Realeza of the Federal University of Southern Frontier (UFFS), state of Paraná. The article explains the creation of this university, the influence of the social movemnts on the process, and the goals that were established to increase the number of local students in the new brazilian university. The data for this article were collected from a series of interviews with a group that participated of the process that led to the creation of UFFS, professors, students and members of social moviment.

Keywords: University. Social inclusion. Social movements. UFFS.

Recebido em 30/03/20

Aprovado em 21/05/20